

Recado de PARIS

1230 RUBEM BRAGA

PARIS, outubro — Esse Abel Hermant, que acaba de morrer, aos 88 anos, em um hospital, foi, antes da primeira Guerra um dos escritores mais lidos em Paris.

O autor de "Les transatlantiques" e "Trains de luxe" soube pintar, com malícia e acuidade, a alta sociedade daquele tempo: é um desses autores-testemunhas, cuja obra sempre terá interesse e poderá ser lida, porque invariavelmente bem escrita.

Autor, aos 27 anos, de um romance antimilitarista que o coronel de seu regimento fez queimar solenemente no patio da caserna, ele se destacou mais tarde pela sua anglomania — uma das manias mais raras em um francês...

Mas, durante a ocupação alemã, ele foi uma dolorosa surpresa para seus amigos: pôs-se a agradar o invasor. Caduquice, talvez. Paulham fez, então, uma quadra clandestina referindo-se a ele e a Abel Bonnard, em que perguntava... "on se demande enfin, voyant de tels Abels, ce que font les Cains?".

O velho escritor foi, em 1945, condenado à prisão perpetua e expulso da Academia; mais tarde foi perdoado, e estava no hospital à custa da Academia. Jacques de Lacretelle faz seu necrologio e lembra que sua obra teve certa influencia sobre Proust. Lacretelle comenta: "Foi o jornalismo, ao qual ele prodigalizava grande atenção, no fim da carreira, que causou a sua perda. Um velho de oitenta anos, que vive de sua perbi, deve ser uma presa facil. Foi o que sentimos, com um embaraço doloroso, quando esse homem que tinha sempre visto as coisas com tanta justiça, e falado delas com tanta altura, aceitou as propostas da imprensa a serviço dos alemães".

E Lacretelle prefere não falar mais nisso, guardando, como tantos outros amigos, "a memoria da firmeza de carater e do amor profissional que animaram todos os seus escritos durante cinquenta anos".

Enfim: o que morreu outro dia foi a pobre carcassa de um escritor falecido há muito tempo que se chamava Abel Hermant...

12.10.50